

**JUVENTUDES E INTERVENÇÃO CRIATIVA NA CIDADE: LAMBES,
LETTERING E ENCONTROS ENTRE ARTE, VIDA E SOCIEDADE EM
UMA EXPERIÊNCIA DO PIBID DE ARTES VISUAIS**

Marcos Antonio dos Santos ¹
Silemar Maria de Medeiros da Silva ²

RESUMO: A presente escrita trata de uma experiência do PIBID de Artes Visuais em um projeto desenvolvido com estudantes do Ensino Médio em uma escola da rede pública de ensino em Criciúma/SC. Uma sequência didática que apresenta algumas das linguagens das Artes Urbanas na sala de aula com o objetivo de propiciar aos estudantes o conhecimento acerca da cultura hip hop, a experimentação de técnicas, materiais e processos de criação artística diversos, bem como a expressão de suas emoções, ideias, reflexões, críticas e questionamentos acerca da vida e da arte. A aproximação das relações arte e vida deu-se em uma abordagem de práticas com algumas das linguagens da cultura hip hop, tão próximas das juventudes e em especial da comunidade na qual se insere a escola na qual foram realizadas as ações pedagógicas deste relato. Optou-se pelas linguagens e possibilidades do cartaz lambe-lambe e de práticas com o *lettering* para que os estudantes pudessem elaborar as suas produções. Buscou-se articular a trajetória do professor supervisor - indivíduo mais experiente na relação - com a formação docente inicial na pesquisa, organização e aplicação de saberes, metodologias de ensino e práticas próprias do ensino da arte na contemporaneidade. Criar cenários propícios a um processo ensino-aprendizagem que efetivamente contribuíssem no avanço da formação dos alunos, aproximando-os da arte em seu entorno.

PALAVRAS-CHAVE: Pibid, Ensino de Arte, Aprendizagem, Artes Urbanas, Juventudes.

*Como olhar para dentro de si
e para a cidade
com olhares reflexivos?*

*Claudia Martins - pibidiana, artista urbana,
hoje, professora de artes
e pesquisadora -*

¹Mestrando do Prof-Artes na Universidade do Estado de Santa Catarina UDESC, Professor de Artes nas redes públicas Municipal e Estadual; Na época das vivências do presente relato atuava como professor supervisor do PIBID de Artes Visuais/UNESC em Criciúma/SC; tropeiraspaisagens@gmail.com

²Orientadora: Professora Ma. titular na Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC; Coordenadora do Polo Arte na Escola na mesma instituição; Na época das vivências do presente relato coordenava o PIBID de Artes Visuais/UNESC em Criciúma/SC; profsila@unesc.net

PARTIDA - A CIDADE: Basta transitar atentamente pela cidade para deparar-se com uma diversidade de imagens. Registros que remetem imediatamente às intervenções próprias e/ou derivadas da cultura hip hop: grafites, cartazes lambe-lambe em tamanhos e estéticas diversas, com imagens, frases ou palavras que propõem questionamentos, reflexões e tensionamentos nas estruturas implícitas ou explícitas nas linhas invisíveis que estruturam a vida social. Manifestações que marcam espaços públicos, atravessando os fluxos e captando a atenção em lugares de intensa circulação de pessoas. Imagens que apresentam uma carga poética, política, subjetiva, reveladora de seus autores(as), mas que conectam-se quase que instantaneamente com os(as) transeuntes e que podem os transportar da condição de público/espectador e fruidor, se em dado momento se permitirem ser tocadas por tais produções. Trabalhos que trazem em si uma potência própria da arte e que podem possibilitar experiências estéticas mas, também, mover e influenciar na formação dos modos de subjetivação das pessoas, nas suas identidades culturais, visto que

[...] a ocupação das cidades vem acontecendo de forma utilitária, limitando possibilidades mais amplas de conviver com o contexto. As cidades poderiam ser palco de expressão da personalidade de seus moradores, pois é na relação que as pessoas estabelecem com o espaço urbano, em sua apropriação, que se apropriam de si mesmas. Atualmente, equipes multidisciplinares têm pensado no espaço urbano, sua relação com as pessoas e em formas de reinventar as cidades, transformando espaços em territórios onde ocorram o entrelaçamento social e a humanização dos sujeitos. (Sodré e Weber, 2017)

E a escolha da temática das artes urbanas, de apresentar na sala de aula produções inseridas no contexto urbano foi justamente porque os alunos daquela turma transitam cotidianamente pela cidade por razões diversas. Em uma conversa procuramos conhecer melhor o perfil daqueles jovens e mapeamos as motivações que os movem a realizar tais deslocamentos: trabalho, estudos, cursos e, em menor intensidade e prioridade, lazer... Sobre as manifestações artísticas presentes nos seus trajetos, eles(as) evidenciaram a presença de grafittis, *stickers* e de alguns ‘cartazes mais artísticos’ (os lambe-lambes). Vários citaram os *lettering’s*, em nossos dias tão popularizados nas diversas mídias e plataformas, apropriados pela mídia da cultura de massa. E ao reunir-se para a reorganização do planejamento, pudemos vislumbrar possibilidades de trabalhos com tais produções na escola por conta do interesse demonstrado pelos jovens na roda de conversa inicial. Então, uma sequência didática foi tecida em torno da Arte Urbana e as poéticas dos cartazes estilo lambe e dos *lettering*, levando em conta os interesses do grupo com o qual trabalhávamos: adolescentes e jovens do Ensino Médio

noturno em uma escola pública da periferia, na maioria trabalhadores no diurno. Percebeu-se dois pontos interessantes e que poderiam fortalecer os estudos em artes com aquela turma: Primeiro, a identificação com o conteúdo das manifestações artísticas que encontravam pelo caminho e/ou nas redes sociais; E este aspecto ampliou a nossa percepção de professores - em formação docente inicial e supervisor - sobre os meios de circulação das artes na sociedade e o impacto da web. Segundo, as possibilidades de autoria e criação artística apresentadas pelos acadêmicos do PIBID, que foram recebidas com muito interesse pelos alunos, revelado em uma das falas ‘Sairemos do caderno pra fazer arte que vai pro espaço, sério?’ As inquietações e desejos dos alunos em participar dos exercícios poéticos, encontra eco nos escritos de Sodré e Weber (2017), sobre a criação de imagens para expressão e comunicação pela humanidade desde tempos remotos, das

[...] primeiras imagens pintadas em cavernas ajudavam o homem a se organizar coletivamente, e essa união também o ajudou a subsistir. Por existir reciprocidade entre pessoas e ambiente, é fundamental o estudo do espaço urbano como produtor de subjetividade. Neste cenário, adiciona-se outro elemento, a cidade enquanto substrato para o fazer artístico. É muito comum a concepção da arte exposta em museus, mas a arte não se resume a isso, e observa-se uma tendência em tornar a arte pública e mais acessível. Não há consenso acerca do que é a arte, pois todas as tentativas de definição já registradas se revelaram insatisfatórias tendo em vista que ela muda ao longo do tempo. Mesmo assim, é importante conceituar minimamente o que é arte, arte pública e arte urbana.

E na organização das situações de aprendizagem, primou-se por ações que pudessem provocar nos alunos um olhar sensível para si, para a cidade onde vivem e as relações que podem ser estabelecidas com os outros, nas diversas esferas da vida social. E como transpor estes olhares, reflexões, desejos e percepções da realidade para as próprias criações, tornou-se central desde o planejamento à implementação das ações. Exercícios do individual para o coletivo. Do eu para o social. Do indivíduo à sociedade. E como apresentar a estreita relação arte e vida - se é que pode-se evidenciar uma em detrimento da outra? E os integrantes da turma nos surpreenderam já no início, quando apresentaram o registro fotográfico de uma intervenção em cartaz lambe-lambe encontrada em uma ponte que fica na comunidade, próxima à escola de atuação (imagem a seguir). Este foi um exercício proposto aos alunos: fotografar o que encontrassem pelo caminho e considerassem arte, apresentando na aula/encontro seguinte ao grupo.

NO CAMINHO, A ARTE: E uma surpresa, um dos lambes que a pibidiana Cláudia Martins havia colado na referida ponte há certo tempo, apareceu em uma das fotos feitas a

apresentadas pelos alunos na sala de aula. O momento foi propício para que ela compartilhasse como é produzir arte, o cotidiano de ser artista-etc para os alunos.



Imagem 1: Lambe-lambe de Cláudia Martins. Localização: Criciúma/SC.

Fonte: arquivo dos pesquisadores.

E a fotografia trazida para a aula deflagrou uma conversa pontual: as questões acerca do cuidado de si e a saúde mental. Aquela ponte é conhecida na comunidade como um ‘lugar para quem desiste de viver’, disse uma jovem aluna. Mas, disse outro, ‘quem sabe a mensagem da arte freia a pessoa?’ Ninguém sabe o caminho que um trabalho artístico poderá tomar depois de lançado na sociedade, mas a potência da arte na sociedade, a necessidade da sua presença para o ser humano em seu processo de humanização, de formação sensível é certa. Difícil precisar como e quanto uma imagem pode ao nos tocar, os afetos que produz. A descoberta da autoria do lambe-lambe iniciou um fecundo ciclo de conversas, perguntas, provocações, construção coletiva nos processos de criação, evidenciando atitudes e despertando iniciativas dos alunos inseridos nos movimentos do processo ensino-aprendizagem. Que seguiam ressoando nas rodas de conversa com os adolescentes e tomavam a forma de fagulhas nas reflexões durante o café com os pibidianos e o professor da

turma: momentos em que procurávamos delinear novas ações para as aulas. Fagulhas que retornavam transmutadas em perguntas e questionamentos significativos sobre a vida, o viver, e as possíveis relações com a arte urbana e seu ensino/presença na escola regular. Relações que requerem da arte mais que meros fazeres e informações dispersas. E sim, nos desafiamos em propor experiências que superassem o raso do mero repasse de curiosidades superficiais sobre artistas de tempos e lugares distantes e, antes de tudo, distanciados dos sujeitos de direito à aprendizagem em nossas salas de aula. Desejávamos que as ações pedagógicas pudessem se presentificar no processo de humanização dos nossos alunos, gerando neles, na sua singularidade enquanto indivíduos o que a humanidade já produziu de mais elevado no universo das artes. No referido objeto de estudo desta sequência didática, as artes urbanas. A cultura emerge dos embates entre a imaginação e a busca pela criação, manifestando-se em todas as esferas da vida cultural, pois “tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia.” (Vigotski, 2018, p.16). E uma oficina de criação de cartazes lambe-lambe foi o primeiro pedido da turma, o cronograma foi ajustado para dar conta do pedido dos alunos: a pibidiana e artista urbana Cláudia Martins conduziu os trabalhos na sala de artes da escola. A sequência didática elaborada conjuntamente com o professor supervisor apresentou a arte urbana em um enfoque diferente para os estudantes.



Imagem 2: Varal poético - apresentando as próprias produções aos estudantes em uma roda de conversa.

Fonte: arquivo dos pesquisadores.

Na tentativa de (RE)apresentar algumas destas questões o mais fidedignas ao que ouvimos em sala, (RE)escreveremos as mesmas desta forma: como viver sem saber se estou onde eu quero estar? Ou devo estar? Tudo que estou aceitando é realmente aceitável? Tenho que aceitar, sem questionar? Se eu não der ouvidos a mim, quem dará? Pudemos perceber que diante de suas produções os alunos demonstravam valorização da linguagem da arte urbana e sentimos a necessidade da apreciação de trabalhos de artistas urbanos quanto do que foi produzido em sala de aula até aquele momento. Tal ação tornou-se recorrente nas aulas e para realizá-la adotamos a dinâmica do varal poético: expondo antes, durante e ao término dos encontros/aulas - semanais e de 80 minutos de duração.

AULAS-OFFICINAS: Gradativamente os estudantes deslocaram-se de uma condição de público para espectadores e em seguida produtores de arte. O *lambe* e o *lettering* mostraram-se linguagens acessíveis e oportunizaram a expressão autoral e singular de cada estudante ao envolver-se e permitir ser envolvido(a) pela arte urbana. Foi perceptível nas aulas a potência e o quanto

(...) a palavra se investe e se reveste de contornos específicos, conjugando aspectos tais como o contexto sócio-histórico de produção, os objetivos dos falantes envolvidos, as relações de poder imbricadas, a dinâmica e as múltiplas maneiras de uso social da linguagem. (Souza, 2011, p. 83)

E as palavras tomadas para além do uso habitual, a linguagem verbal convertendo-se em visual, plástica e, sobretudo, plena de possibilidades expressivas. As linguagens tornando-se objeto artístico, estético e estésico. Não apenas comunicando, mas afetando os sentidos nas maneiras próprias da arte, como proposto pela pesquisadora Ana Lúcia Silva Souza ao discorrer sobre as práticas embrionárias do universo da cultura hip hop, objeto dos estudos do itinerário formativo que propusemos para a turma, no qual

[...] uma das marcas era dizer sobre a vida, discorrer sobre as questões aflitivas, por meio das músicas improvisadas em sermões, orientações, palavras que fossem capazes de fazer acreditar em possibilidades de enfrentamento e superação dos problemas. As festas, que aconteciam nos bairros mais afastados e pobres, começaram a ser frequentes. Ganhou

destaque a maneira inovadora de, por meio da arte da fala, acompanhar o som das vitrolas e o balançar dos corpos. (2011, p. 63)

E tais dimensões também são perceptíveis nos demais componentes do universo Hip Hop, a dança, as artes visuais e a música, criações que se apresentam híbridas, múltiplas, prenes de sentidos e intenções expressivas. O momento de nutrição estética, no qual apresentamos obras de artistas conhecidos e/ou anônimos, ação que rendeu produtivas conversas, oportunizou aproximações significativas como arte e vida, contato com a artista local (e viva!), reconhecimento por parte dos estudantes que o(a) artista é uma pessoa tão humana quanto as demais. E que as vivências e experiências pessoais, aliadas à técnica, poética e visão de mundo apurada podem resultar em trabalhos artísticos que apresentam significativas visões de mundo. Além de proporcionarem a experiência estética. E que o lambe e o *lettering* mesmo em sua efemeridade impulsionam pensamentos, sentimentos e transformações *no* e *do* mundo. Revelando os posicionamentos dos sujeitos das aprendizagens na escola, indivíduos “que se movimentam em contextos socioculturais” e que empoderados(as), tornam-se capazes de “redefinir suas identidades sociais.” (SOUZA, 2011, p. 83). E na escola, o uso da língua necessita ser vivenciado nas mais diversas possibilidades comunicativas e também expressivas, enriquecidas em processos de criação que singularizam o uso das línguas em práticas de linguagem diversas e múltiplas. Pudemos experimentar uma escola viva, pulsante, com alunos que assumem-se agentes da cultura, nas palavras de Ana Lúcia Silva Souza, sujeitos da sua formação, compreendendo e tornando a escola

[...] espaço de práticas comunicativas, que faz sentido para pessoas jovens, majoritariamente negras, e, desse modo, difere do quadro de exclusão ainda detectado na esfera escolar, que não se mostra um espaço de aprendizado para todas as pessoas, independentemente das posições e lugares sociais que ocupem na sociedade. (p. 58)

E pra marcar o pertinente exercício sobre ‘lugar social’ e/ou ‘de fala’, nas ações em grupo, foram propostas discussões sobre a importância do debate - em um viés dialógico - e da troca de impressões das suas e das produções dos outros, colegas e/ou artistas apresentados, tornaram-se mais e mais produtivas à medida que o tempo passava. Ao trazerem seus discursos para as suas produções, os(as) adolescentes exercitavam o protagonismo em poéticas muito pessoais e conectadas com o entorno. A compreensão que os movimentos próprios do cotidiano social os afetam, e que a tessitura social nos oferece brechas para a

prática artística. Que os artistas ‘escavam’ suas brechas, lutam por seu espaço *na e pela* sua produção e, dessa forma, conquistam passo a passo a visibilidade quanto ao papel do artista no mundo. E na sala de aula, a prática mediada pelo estudo, exercícios de reflexões críticas abriu espaços para as expressões poéticas dos alunos, ampliando as visões de si e da realidade. E o nosso papel mediador, de professor(a), para criar cenários propícios à experimentação artística, pois “a criação envolve complexas relações entre a liberdade dos sujeitos e as determinações socioculturais.” (Duarte, Silva e Anjos, 2001, p. 01).

E a nossa existência construída através do trabalho, entendido no viés do materialismo histórico dialético. Trabalho enquanto ações conscientes, intencionais e objetivas por meio das quais o ser humano cria diferentes modos de interagir com a natureza e criamos possibilidades distintas de organização em sociedade. É este trabalho, por meio do qual construímos a nossa existência, o mundo humano, humanizado, o mundo da cultura. “Por ser a atividade afirmadora da vida, que forma a existência dos indivíduos e instaura-lhe um caráter social”, inclusive a subjetividade constitui-se e desenvolve-se em um constante processo de “criação de si.” (Oliveira, 2010, p.01) Ainda sobre arte e processos de criação, tomaria uma frase de Bachelard (2008, p. 221) na qual o filósofo, químico e poeta afirma que "o ser é sucessivamente condensação que se dispersa explodindo e dispersão que reflui para o centro. O exterior e o interior são ambos íntimos".

CHEGADA - A CIDADE: Tal formulação nos permite pensar no efeito do graffiti enquanto manifestação artística contemporânea, ‘voz das periferias em formas visuais’, realizada em espaços externos no âmbito da cidade e sobre a superfície do espaço urbano: paredes, muros, fachadas, prédios abandonados, placas ou outros aparatos de sinalização no espaço público. Arte que é reconhecidamente transgressora - do ponto de vista da autorização, ou não do seu fazer - e, portanto, transita entre os limites do público e do privado para se expressar e provocar distintas reflexões. (Sodré e Weber, 2017)

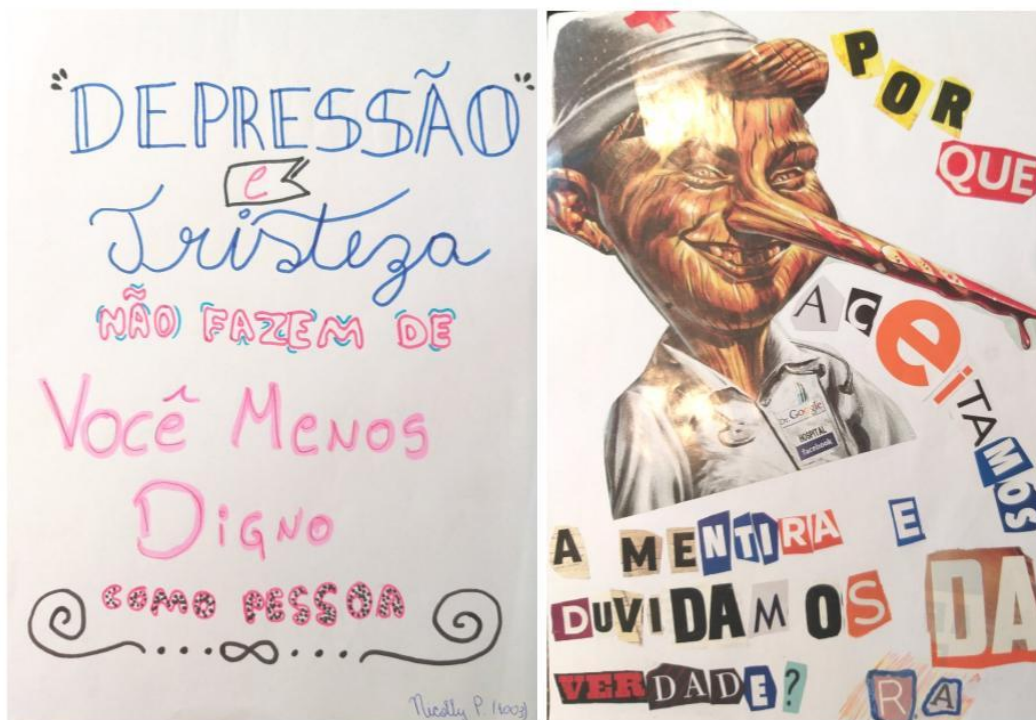


Imagem 3: Oficina de cartaz lambe-lambe e *lettering* - Produções dos alunos.
Fonte: arquivo dos pesquisadores.

E durante as diversas etapas do processo ensino-aprendizagem e das proposições feitas aos alunos, percebeu-se desenvolvimento e avanços, melhoras visíveis desde o interesse ao envolvimento nas suas criações, fossem individuais ou atividades coletivas. A atividade principal desdobrou-se em ações fracionadas, organizadas em etapas que foram pensadas pedagógica e didaticamente, a fim de que os alunos pudessem superar os conhecimentos e compreensões prévias das culturas urbanas. A organização pedagógica dos estudos foi pensada a partir de referenciais do professor Newton Duarte, estudioso da Pedagogia Histórico-Crítica e aponta que “desde as suas formas mais simples, as atividades humanas são essencialmente sociais e, portanto, mesmo quando se dirigem à transformação de objetos, envolvem direta ou indiretamente ações voltadas para os próprios seres humanos.” (2021, p.08). E a cultura hip hop foi o mote para o estudo de conteúdos pertinentes ao currículo escolar do Ensino Médio, mas, vale destacar o quanto ampliou o repertório e as ideias que o grupo de adolescentes e jovens tinham a respeito da temática. A roda de conversa foi a estratégia abordada e periodicamente, realizamos este exercício de fala e escuta dos alunos: antes ou depois das atividades, com a participação de todos ou representantes nas situações em que o trabalho realizava-se em pequenos grupos.



Imagens 4 e 5: Exercício poético - alunos e pibidianos em intervenções com cópias das produções nas imediações da escola. **Fonte:** arquivo dos pesquisadores.

As ações na aulas eram pensadas na formação humana com a mediação do professor. Ao tratar da artística, Newton Duarte aponta como sendo um “outro tipo de atividade, como a do ator ou a do professor,” por exemplo, na qual “a finalidade principal é a de se produzirem certos efeitos nos sujeitos e, para tanto, podem ser necessárias ações que coloquem objetos e fenômenos materiais a serviço da finalidade principal.” O professor Newton discorre acerca da importância e da complementaridade da arte na vida do ser humano, como necessidade ontológica, e que mesmo quando a prática artística torna-se a atividade principal, não se excluem as atividades que exigem a “transformação da natureza, sem as quais não são satisfeitas as necessidades básicas de sobrevivência.” (2021, p. 09). A respeito do que chamamos de necessidade e complementaridade da arte na formação e na vida do ser humano, o poeta Ferreira Gullar escreveu uma das mais conhecidas epígrafes sobre a necessidade da arte: “a arte existe porque a vida não basta.” (2010).

Realizar a atividade pedagógica equalizando os conteúdos, selecionando o que de fato é importante na etapa e os aspectos transversais, que ampliaram o que foi proposto na organização das situações didáticas, foi importante e proporcionou aprendizado para professor e acadêmicos de iniciação à docência. A proposição de exercícios que abordassem conceitos,

práticas e atitudes em situações que envolvessem fala/escuta, equilíbrio/desequilíbrio, ajuste/conflito, ação/repouso, individual/coletivo, entre outras. Instigaram a reflexão e mobilizaram a resolução de problemas na sala de aula, situações que pudessem ser aplicáveis em situações/desafios extramuros, ensino-aprendizagem alinhado com a vida. Buscou-se a formulação de proposições pedagógicas capazes de fornecer bases para uma compreensão gradativamente mais complexa da realidade, mais plural e coletiva em detrimento do egocentrismo e individualismo que marcam a maior parte do tempo e das situações que vivenciamos.

CONSIDERAÇÕES/APROXIMAÇÕES - APONTAMENTOS EM CONSTRUÇÃO

No cerne de uma ação pedagógica conjunta, acadêmicos iniciantes à docência e professores mais experientes que acolhem projetos como o PIBID, constitui-se em valorização à carreira da licenciatura, a inicial e a de quem está na sala de aula há certo tempo, formação inicial e continuada. Aproximação entre escola pública e universidade, oportunizando aos acadêmicos de iniciação à docência uma aproximação mais objetiva e enriquecedora em uma imersão no cotidiano da sala de aula. Experiências que revelam encantos e desencantos, conquistas, projetos, aspirações, carências, demandas e realizações, mas também as potências inerentes à escola. A valorização do ofício de professor tornou-se um desafio na contemporaneidade, assim, ações afirmativas, de valorização da escola enquanto lugar do conhecimento, são pontuais e merecem todo crédito, apoio e os necessários investimentos (temática que daria uma escrita e tanto). As experiências e interações dos acadêmicos(as) na escola constituíram um vínculo enriquecedor, pois é na relação e interação com os alunos, mediando o objeto de estudo que um professor legitima a sua existência e faz-se enquanto profissional no seu singular percurso.

Destacamos também os desafios que nos moveram a articular de maneira significativa o aprendizado da Universidade com a sala de aula, pibidianos relataram que “em muitos momentos sentiram-se professores em atuação, no contato e acompanhamento dos alunos, nos momentos de conversa e planejamentos colaborativos das atividades”. O PIBID e ações desta natureza, permitem atuação, pesquisas, elaboração de materiais, planos e outros, construções conjuntas na sala de aula. Enquanto professor supervisor no momento da presente experiência, reforçaria ser muito oportuna a atuação de forma colaborativa e conjunta: o ofício de professor(a) em grupo, com possibilidades de potencializar as proposições pedagógicas. Não poderíamos deixar de registrar que no percurso com os alunos do Ensino

Médio, ocorreu um processo de maior proximidade dos adolescentes com o grupo do PIBID, estreitando laços, propiciando a ambos experiências singulares e enriquecedoras: aproximando-se de um referencial de formação integral. Alguns alunos também relataram que “a oficina foi uma experiência muito legal”. Percebeu-se que através dos cartazes lambe-lambe e dos *letterings* que confeccionaram, que os mesmos puseram-se a pensar, sentir e refletir, sobre si, os outros e o mundo. As aulas de artes ganharam uma dimensão formativa e cultural, certamente contribuíram na superação dos pensamentos, conceitos e percepções iniciais - válidos, porém muito voltados para o senso comum - avançaram para uma maior complexificação do pensamento, da reflexão e maior elaboração nas suas produções. Percebeu-se que desenvolveram um pensamento crítico referente a diversas temáticas, áreas e assuntos abordados *antes* e *durante* os exercícios de apreciação, contextualização e produção artísticas, valorizando as linguagens da arte urbana justamente pelos avanços proporcionados no processo ensino-aprendizagem em artes: ampliando o desenvolvimento no processo criador, dos sentidos estéticos, do desenvolvimento simbólico e das especificidades do conhecimento artístico, apropriando-se e valorizando as manifestações artísticas não-hegemônicas.

A riqueza que resulta da relação dialógica do PIBID é uma das suas mais importantes contribuições à formação docente e às urgentes mudanças no cenário da escola pública: permitindo aprendizado para os acadêmicos - professores em formação - e também para os professores ao atuarem como supervisores. Não há como mensurar a potência de uma atuação docente em co-autoria na escola. O quanto Programas como o PIBID podem contribuir com a (re)construção de cenários fecundos às criações dos alunos, a transformação das juventudes: quando a superação de estados básicos e genéricos de domínio do conhecimento ampliam-se e afinam-se qualitativamente pela mediação de um trabalho pedagógico organizado. Com intencionalidades bem definidas: a superação por assimilação do que a humanidade já produziu de melhor e mais elevado. Tais iniciativas necessitam ser revitalizadas e fortalecidas em nossas escolas: lugar no qual os filhos e filhas dos trabalhadores e trabalhadoras do nosso país passam a maior parte das suas vidas em processos de escolarização. Por uma escola pública fortalecida, com professores e professoras que tenham suportes e condições de pautar as suas práticas na pesquisa e (re)formulação de currículos vivos, que expressem nas suas práticas pedagógicas a arte, a vida, o pensar filosoficamente a cultura humana. Dadas a necessidade de formação e aprendizados constantes na profissão docente.



Imagem 6: Exercício poético na praça da escola - alunos e pibidianos após intervenções com cópias das produções nas imediações da escola.

Fonte: arquivo dos pesquisadores.

A imagem acima tem o sentido de reticências nesta escrita, por tratar-se de uma imagem que representaria muito bem o ‘entre’, conexão dos momentos de apreciação, estudo e produção na aula de artes. Instâncias indissociáveis na tessitura de uma prática de ensino que promova a superação do senso comum de nossos alunos, contribuindo na sua formação.

REFERÊNCIAS

Bachelard, Gastón. **A poética do espaço**. Trad. Antonio da Costa Leal e Lúcia do Vale Santos Leal. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Duarte, Newton; Silva, Efrain Maciel e Anjos, Ricardo Eleutério dos. **Determinação e Liberdade na Criação Mediada por Sistemas de Signos**. Rev. Bras. Estud. v. 11, n. 1 e99913 Presença: Porto Alegre, 2021. Disponível em <https://drive.google.com/drive/folders/1To_MAFoT2hN2r-RiDdGWFV4FnXcaTULN> acesso em 05/10/2023.

Oliveira, Renato Almeida de. **A concepção de trabalho na filosofia do jovem Marx e suas implicações antropológicas.** Kínesis, Vol. II n. 03 Abril 2010, p. 72 – 88. Disponível em <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/6_RenatoAlmeidadeOliveira.pdf> acesso em 05/10/2023.

Sacomanni, Maria Cláudia da Silva. **A criatividade na arte e na educação escolar. Uma contribuição à pedagogia histórico-crítica à luz de Georg Lukács e Lev Vigotski.** Campinas-SP: Autores Associados, 2016.

SANTA CATARINA. **Proposta Curricular de Santa Catarina: formação integral na educação básica.** Secretaria do Estado da Educação, 2014.

Souza, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

Sodré, Ana Maria Rolim e Weber, Lílian. **A arte urbana e seus efeitos nos processos de subjetivação: uma revisão bibliográfica no campo da psicologia.** Rev. Subj. vol.17 no.2 Fortaleza maio/ago. 2017. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v17i2.5454>> acesso em 08/10/2023.

Souza, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança - Hip-Hop.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

Trigo, Luciano. **A arte existe porque a vida não basta.** Postagem na página G1 em entrevista ao escritor, crítico de arte e poeta Ferreira Gullar. 07/08/2010. Disponível em <<https://g1.globo.com/pop-arte/flip/noticia/2010/08/arte-existe-porque-vida-nao-basta-diz-ferreira-gullar.html>> acesso em 08/10/2023.

Vigotski, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância: Ensaio psicológico livro para professores.** Trad. e Revis. Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.